



Formação de professoras e extensão universitária: relato sobre práticas de alfabetização, letramento e a ressignificação dos saberes femininos

TEACHER TRAINING AND UNIVERSITY EXTENSION: REPORT ON LITERACY AND ITS PRACTICES AND THE RESIGNIFICATION OF WOMEN'S KNOWLEDGE

Kelly Almeida de Oliveira

Universidade Federal do Maranhão-Codó -MA-Brasil
Docente do curso de Pedagogia e Coordenadora do curso de Pós-graduação *latu sensu* em ensino de Língua Portuguesa e Matemática da Universidade Federal do Maranhão
ka.oliveira@ufma.br

Idemar Vizolli

Universidade Federal do Tocantins-Palmas-TO-Brasil
Docente do curso de matemática e dos Programas de mestrado acadêmico e profissional em Educação da UFT, do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM/REAMEC), do Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia (EDUCANORTE) e coordenador estadual da REAMEC.
idemar@mailuft.edu.br

José Vicente de Souza Aguiar

Universidade do Estado do Amazonas-Manaus-AM-Brasil
Docente do Programa de Mestrado em Educação em Ensino de Ciências da Universidade do Estado do Amazonas, do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM/REAMEC) e do Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia (EDUCANORTE)
jvicente@uea.edu.br

RESUMO

Este artigo resulta do projeto de extensão EJAI Mulher: a ressignificação dos saberes femininos, com a participação de dezessete estudantes quilombolas Quebradeiras de coco babaçu na comunidade Laranjeira, município de Aldeias Altas/MA. O objetivo é descrever as ações desenvolvidas no decorrer do projeto. Realizamos a revisão da literatura que fundamentou teoricamente o curso de formação e uma pesquisa de caráter qualitativo e descritivo com a utilização de técnicas como observação participante, questionários e entrevistas não-diretivas. No decorrer do curso, observou-se a ressignificação de saberes das Quebradeiras de coco, das monitoras e da Coordenadora do projeto. Os resultados alcançados demonstraram que as ações desenvolvidas possibilitaram o desenvolvimento de práticas de alfabetização e letramento com as mulheres quilombolas Quebradeiras de coco babaçu, a valorização da cultura popular como fonte do saber e a promoção da formação das estudantes de Pedagogia para atuação na EJA.

Palavras-chave: Formação de professoras, Quebradeiras de coco, Alfabetização.

ABSTRACT

This article is the result of the extension project "EJAI Mulher": the resignification of women's knowledge, with the participation of seventeen "quilombolas" student babassu coconut breakers in the Laranjeira community, municipality of Aldeias Altas/MA. The objective is to describe the actions developed during the project. We have carried out a literature review that theoretically supported the training course and a qualitative and descriptive research using techniques such as participant observation, questionnaires and non-directive interviews. During the course, there have been a resignification of the knowledge of the female coconut breakers, the monitors and the project coordinator. The achieved results have showed that the actions developed by the project made possible to develop literacy practices with "quilombolas" female coconut breakers, to value popular culture as a source of knowledge and to promote the training of Pedagogy students to work with the Education of Young and Adults (EJA).

Keywords: Teacher training, Female coconut breakers, Literacy.

PRIMEIRAS PALAVRAS

A Educação de pessoas jovens, adultas e idosas é um campo de luta pelo direito à escolarização não consolidado em nosso país. Possui uma longa trajetória de lutas, avanços, retrocessos, pausas e recomeços, ao mesmo tempo em que carece de uma visibilidade substantiva entre as pesquisas acadêmicas, as políticas públicas, a legislação educacional, a formação de professores e as práticas pedagógicas (Arroyo, 2011).

O direito à educação, propalado na Constituição de 1988 não se efetivou no que tange à juventude e à vida adulta seja entre as populações tradicionais, seja entre os jovens pobres das periferias dos centros urbanos, haja vista o cenário constante de indefinições, voluntarismos, campanhas emergenciais, ações assistencialistas e supletivas que marcam o campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tal fato põe em xeque as ações tomadas pela sociedade, pelo Estado e pela Universidade na resolução dessa questão.

Essa situação estende-se, também, às comunidades quilombolas. No Maranhão existem setecentas comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares. Contudo, acreditamos que esse número seja maior porque algumas comunidades possuem apenas o número de registro ou não iniciaram o processo de reconhecimento. O fato é que "o Maranhão apresentava, às vésperas da Independência, a mais alta porcentagem de população escrava do Império (55%), concentrada nas fazendas de algodão e arroz" (Assunção, 1994, p. 434). O que o coloca como o terceiro Estado com o maior número de pessoas negras no país, atrás do Rio de Janeiro e da Bahia.

Nesse sentido, percebemos a confluência e as intersecções entre a EJA, a Educação Popular, a Educação do Campo e a Educação Escolar Quilombola no Maranhão. É preciso considerar essas modalidades para que novas práticas pedagógicas tornem-se capazes de problematizar diferentes paradigmas de ciência, conhecimento e saberes no processo ensino-aprendizagem de pessoas jovens, adultas e idosas.

Ser quilombola ou *calhambola* adquiriu vários significados ao longo da história (Arruti, 2017). De escravo fugitivo, durante a colonização, a sujeito de direitos, como disposto no Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, foi um longo caminho, pelo qual "a identidade negra foi sendo tecida como instrumento de afirmação das próprias origens, de sua ancestralidade e de seus saberes" (Ferreira, 2012, p. 647). Vale ressaltar que o dispositivo constitucional é um indicativo de direito, mas é preciso que não fique circunscrito no plano da garantia legal, mas que se efetive e que assegure a educação como um direito de todos seja no exercício da escolarização seja na demarcação das terras das comunidades quilombolas. Em ambas as situações, o direito necessita tornar-se realidade, do contrário, limita-se a uma intenção.

Aldeias Altas é um município localizado no leste maranhense, no Territó-

rio Cocais e próximo ao vale do Rio Itapecuru, que também recebeu africanos escravizados. Sua população, estimada em 2020, é de 26.757 habitantes.¹ Segundo o Censo Escolar do INEP de 2018², a cidade possui noventa e duas escolas. Dessas, trinta e duas são municipais (urbanas e rurais) de Educação Básica e oferecem EJA. Por outro lado, os dados mais recentes sobre a taxa de analfabetismo entre pessoas jovens, adultas e idosas em Aldeias Altas não estão registrados e segundo a Fundação Palmares, nenhuma comunidade quilombola foi certificada no município³.

Nessa perspectiva, o objetivo deste texto é relatar práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas com mulheres quilombolas a partir das experiências vivenciadas com o projeto de extensão EJA Mulher: a ressignificação dos saberes femininos. O projeto teve como objetivo oportunizar a estudantes de Pedagogia, na condição de monitoras, o desenvolvimento de práticas de alfabetização e letramento, na modalidade de Educação de jovens, adultas e idosas, de forma democrática e baseada na perspectiva da formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade (Freire, 2001).

O projeto teve a duração de doze meses, de novembro de 2017 a novembro de 2018 e manteve conexões com a pesquisa e o ensino. Nessa perspectiva, foi incluída a necessidade de conhecer o cotidiano das participantes, como produzem seus saberes e como estes se articulam com suas práticas sociais, apesar das exclusões, ocultamentos e invisibilidades a que são submetidas pelos poderes públicos. Realizamos a revisão da literatura, que fundamentou teoricamente o curso de formação e a criação do grupo de estudos e pesquisas. Por meio dela, desenvolvemos uma pesquisa de caráter qualitativo e descritivo com a utilização de técnicas como observação participante, questionários e entrevistas não-diretivas, distribuídas ao longo da regência em sala de aula. Participaram dezessete Quebradeiras de coco babaçu, que residem na comunidade remanescente de quilombo, Laranjeira, na zona rural do município de Aldeias Altas/MA com idades superiores a vinte anos.

VISITANDO PRÁTICAS, CONTANDO EXPERIÊNCIAS E REGISTRANDO MEMÓRIAS

Esta seção apresenta o relato da experiência referente à formação em EJA com estudantes de Pedagogia da UFMA/*Campus* Codó, realizado por meio da extensão acadêmica em articulação com a pesquisa e o ensino. Entendemos que, com a extensão universitária, "abrem-se espaços para atuação

¹ Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/aldeias-altas.html>. Acesso em 06 de janeiro de 2021.

² Fonte: Censo Escolar/INEP 2018. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/busca/110-maranhao/4261-aldeias-altas>. Acesso em 06 de janeiro de 2021.

³ Fonte: <http://www.palmares.gov.br>. Acesso em 09 de junho de 2020.

em comunidades populares criando a necessária consciência de que se pode construir novas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo" (Santos; Rocha; Passaglio, 2016, p. 27).

Assim, as ações que compuseram o projeto de extensão foram organizadas em quatro momentos. Para efeitos didáticos, cada momento foi dividido em etapas concomitantes e/ou subseqüentes. Para cada uma delas, houve uma metodologia específica, descrita a seguir.

O primeiro momento foi organizado em três etapas e correspondeu à consolidação: da equipe executora, do projeto de extensão e do público-alvo atendido. A primeira etapa deste momento correspondeu à consolidação da equipe executora em relação aos estudantes que participariam do projeto na condição de monitores, que precisavam estar regularmente matriculados no Curso de Pedagogia da UFMA/*Campus* Codó. Esses foram selecionados a partir dos seguintes critérios: estar em condição de vulnerabilidade socioeconômica; não receber bolsa ou qualquer outro auxílio oferecido pela UFMA; não possuir vínculo empregatício e não conter reprovações em seu histórico escolar. Dessa forma, selecionamos três monitoras, duas bolsistas e uma voluntária.

As monitoras tiveram as seguintes atribuições: planejar, avaliar e ministrar aulas na modalidade EJA; participar do curso de capacitação do projeto; produzir material didático como suporte para o processo ensino-aprendizagem das estudantes; coletar, registrar, sistematizar e analisar dados obtidos durante o projeto organizando-os em forma de relatório e apresentar seminário temático sobre o projeto. As ações desenvolvidas foram discriminadas em seus respectivos relatórios.

A segunda etapa referiu-se à consolidação do projeto de extensão que aconteceu mediante a aprovação de agência de fomento. Em seguida, iniciou-se a formação sobre os fundamentos e metodologia em EJA ministrado de forma presencial com leituras, discussões em grupo, pesquisas, produções escritas individuais e coletivas. As formações aconteceram na sala de projetos da Pedagogia, localizada no prédio I da UFMA/*Campus* Codó em dia da semana (quarta e/ou quintas-feiras) com duração de quatro horas semanais, no contra-turno das aulas das monitoras.

A capacitação teve duração de quarenta horas e foi ministrada pela coordenadora proponente do projeto. Foram abordadas, de forma transdisciplinar, as temáticas de: Alfabetização e Letramento em EJA (Freire, 2001); Educação do Campo (Caldart, 2009; Arroyo, 2011); Educação de mulheres (Priori, 1997; Perrot, 2005; Saffioti, 2013); e, Educação Escolar Quilombola (Arruti, 2017). Além destes, destacamos os estudos regionais como: Motta (2008), Amorim (2009) e Manzke (2009). Tais leituras foram de extrema importância para a compreensão da realidade nacional e maranhense nos diferentes contextos, além de direcionar as ações no decorrer do projeto.

Findada a formação, a carga horária para tal foi destinada à implementação de um grupo de aprofundamento de estudos e pesquisas sobre a temática do projeto, no qual foram socializados os conhecimentos obtidos com o de-

envolvimento das ações de extensão e de pesquisa. Assim, foi criado em 31 de janeiro de 2018 o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História e Educação de Mulheres – GEPHEM, certificado pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPQ.

Concomitantemente a esta etapa, procedeu-se à formação da turma. Para isso, no dia 09 de fevereiro de 2018 as monitoras foram enviadas à Aldeias Altas por ocasião da Conferência Municipal de Educação. As monitoras puderam conhecer um pouco da realidade educacional do município e estabelecer o primeiro contato com a Coordenação da EJA e de Educação do Campo. De posse dos contatos telefônicos, agendamos uma visita oficial à Secretaria Municipal de Aldeias Altas/MA, que ocorreu no dia 28 de fevereiro de 2018, ocasião da apresentação do projeto.

A Secretaria de Educação foi consultada a respeito da viabilidade de parceria entre UFMA/*Campus* Codó e a gestão municipal para a oferta e uso de uma sala de estabelecimento de ensino público da cidade disponível para a implantação do projeto. Nesse mesmo dia, foi indicada a comunidade Laranjeira, por ser a comunidade mais distante da sede do município, (aproximadamente 44 Km), e por ser considerada a mais carente e termos educacionais. A parceria foi firmada por meio de um termo de concordância. No dia 03 de março iniciaram-se as atividades na comunidade.

O público-alvo do projeto de extensão, conforme mencionado anteriormente, foi composto por dezessete mulheres jovens, adultas ou idosas, não alfabetizadas, que se reconheceram afrodescendentes e que vivem em zona rural do município de Aldeias Altas. Contudo, no primeiro dia, apenas doze mulheres realizaram o cadastro. Por isso, durante as visitas iniciais à comunidade, convidamos aquelas que tinham interesse e disponibilidade em participar do projeto. Com isso, conseguimos mais nove inscrições e, ao final do projeto, contamos com dezessete mulheres concludentes. As participantes consentiram mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) conforme as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Após a definição do local, foram realizadas atividades diagnósticas e a elaboração do perfil das participantes para planejamento das ações. Essas atividades nos proporcionaram conhecê-las melhor e caracterizá-las da seguinte forma: possuem idade acima dos 20 anos; grande parte nasceu na própria comunidade; a maioria é casada e possui quatro filhos ou mais; os filhos possuem até 10 anos de idade e estudam, mas a distorção idade-série é visível; a maioria estudou quando criança, contudo, nunca cursaram a EJA; as ocupações, em sua maioria, foram declaradas como “do lar” ou “quebradeira de coco”. As situações que requerem a leitura e a escrita, na percepção das participantes, são: assinatura, reconhecimento do dinheiro, ler nomes dos lugares, ajudar os filhos com as tarefas da escola.

As etapas deste momento tiveram por base a revisão da literatura que fomentou os seguintes questionamentos: Quem são essas mulheres? Por que

elas não foram ou estão alfabetizadas? E, o que elas já sabem sobre a cultura letrada?

O momento seguinte foi organizado em três etapas e correspondeu ao planejamento, regência, reflexão sobre as práticas desenvolvidas e implementação do grupo de estudos e pesquisas. Os registros desse momento foram realizados em um caderno compartilhado, onde as monitoras e a coordenadora registraram o planejamento das aulas.

Na etapa inicial deste momento, aconteceu o planejamento das atividades relacionadas ao projeto. As monitoras, durante essa fase do curso de formação, receberam as orientações necessárias para produção de uma cartilha de alfabetização que resultou em material didático para as ações com as participantes. O dia e o horário para o planejamento foram definidos pela equipe executora. As aulas aconteceram aos sábados, das 8h às 12h, na Escola Digna Gonçalves Dias, na Comunidade Laranjeira, no município de Aldeias Altas/MA.

A segunda etapa foi destinada à regência em sala de aula propriamente dita com a aplicação do método proposto por Freire (2001). Recebemos alguns livros de EJA e, no dia 17 de março, realizamos a entrega. Os conteúdos e competências priorizados ao longo das aulas foram: em relação à linguagem oral – aperfeiçoamento dos recursos expressivos, argumentação e exposição de ideias; em relação à escrita – domínio dos mecanismos de representação e escrita de textos legíveis; em relação à leitura – utilização de estratégias de leitura, compreensão de textos lidos em voz alta, leitura e compreensão de pequenos textos; em relação aos conhecimentos matemáticos – leitura e escrita de números, identificação das principais funções dos números bem como as quatro operações aplicando-as em situações cotidianas, realização de procedimentos de cálculo e utilização de medidas usuais de comprimento, massa e tempo. As estudantes receberam um *kit* contendo material escolar. A maioria das atividades foi realizada no caderno recebido por elas. Outras, em folhas brancas para permitir a avaliação das escritas.

As aulas ocorreram de março a novembro de 2018. Entre as principais temáticas, podemos citar: Gonçalves Dias, Farinhada⁴, Tiradentes, Pedras Preciosas, Sentimentos, Identidade, Mulheres na política, Mulheres na ciência, Balançar o Bode⁵, Embalagens, Gêneros textuais, Quebrar coco, noções de medidas e cálculos. Elas tiveram como referencial metodológico o diálogo e a conscientização (Freire, 2001) e envolveram diversas atividades como: aulas expositivas dialogadas; oficinas; seminários; dramatizações; exposições; músicas, jogos, poesias, trabalhos manuais, produções individuais e coletivas.

Dada à especificidade da EJA, os recursos pedagógicos utilizados foram confeccionados pelas monitoras e participantes, utilizando materiais recicláveis ou de baixo custo. Entre eles, podemos citar: mural didático, alfabetos móveis, cartazes e fichas de preenchimento; cartelas para jogos; quebra-cabeças; cé-

⁴A Farinhada é um encontro entre as pessoas da comunidade para a produção de farinha.

⁵Balançar o bode é uma expressão utilizada pelas pessoas da comunidade para designar o processo de produção de um repelente natural feito a partir da queima das fezes bovinas.

dulas de dinheiro, ábacos, dentre outros.

A terceira etapa, deste momento, foi a implementação do grupo de estudos e pesquisas (GEPHEM), na qual a característica principal foi a reflexão, somadas às revisões de literatura com enfoque qualitativo, sobre a prática desenvolvida e sobre o objeto investigado por meio dos seguintes questionamentos: Como as mulheres jovens, adultas e idosas aprendem a ler e escrever? Como elas produzem os saberes de suas práticas sociais? Como representam o que sabem?

O terceiro momento também foi estruturado em três etapas: avaliação das ações realizadas, a sistematização dos dados coletados e a produção do relatório final.

Na primeira etapa, a equipe executora realizou a avaliação do processo ensino-aprendizagem das estudantes para saber se os objetivos foram alcançados. Ressaltamos que a avaliação foi processual e contínua. Os instrumentos de verificação da aprendizagem foram aplicados mensalmente levando em consideração a realidade da turma. Ao final das aulas, as estudantes foram capazes de produzir um texto dissertativo, requisito para serem consideradas alfabetizadas e receberem a certificação do projeto. Os dados obtidos nesta etapa serviram como base para autoavaliação da equipe executora e avaliação do projeto.

Na segunda etapa, os dados coletados e registrados mediante fotos, gravações e anotações em diários de campo, os textos estudados, o planejamento e as atividades aplicadas foram sistematizadas e compiladas.

A terceira etapa desse momento foi efetivada mediante a elaboração do relatório final sobre as atividades desenvolvidas, seguindo as características da pesquisa descritivo-analítica, norteadas pelas seguintes inquietações: Como os saberes culturais, políticos e econômicos do cotidiano dessas mulheres se articulam no processo de alfabetização? Como as questões ligadas ao gênero, à etnia e à localização geográfica interferem no processo de apreensão da leitura e da escrita?

Os relatórios produzidos foram utilizados como fonte de pesquisas sobre a temática. Nesse intuito, as produções das monitoras foram difundidas no meio acadêmico local, regional e nacional através de artigos científicos, trabalhos, publicações em anais de congressos e eventos científicos, minicursos, mesas redondas, palestras e conferências que trataram da temática em questão durante e após a execução do projeto.

Além disso, no quarto e último momento, as monitoras tiveram a possibilidade de organizar um seminário temático, através do lançamento do vídeo/documentário: EJA! Mulher: a resignificação dos saberes femininos, com os dados obtidos durante a realização do projeto para disponibilizar para a comunidade atendida, órgãos públicos, parceiros, a comunidade acadêmica bem como para a sociedade em geral, como culminância do projeto de extensão. O lançamento aconteceu no dia 30 de novembro às 14h no auditório do Centro de Estudos Superiores da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) de Codó.

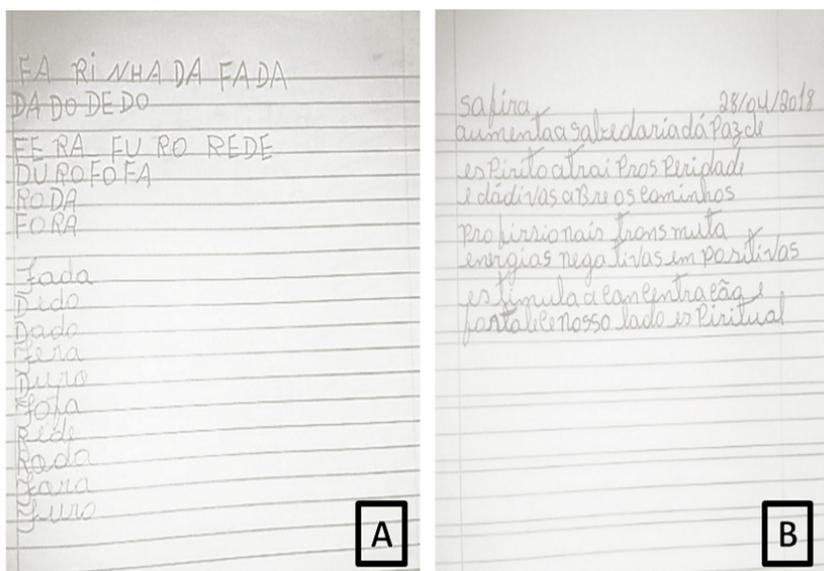
A carga horária do projeto foi organizada da seguinte forma: para o primeiro momento, foram destinadas quarenta e oito horas; no segundo, foram necessárias trezentos e oitenta e quatro horas; no terceiro, noventa e seis horas e, no último momento, quarenta e oito horas. A carga horária semanal foi de doze horas, assim distribuídas: quatro horas para formação e grupo de pesquisa, quatro horas para planejamento e avaliação das atividades e quatro horas para regência em sala de aula. Os sábados que foram véspera de feriados, feriados ou pós-feriados foram devidamente compensados através de atividades extraclasse. Assim sendo, o projeto teve a duração total de quinhentos e setenta e seis horas, distribuídas no período de doze meses, o que corresponde a quarenta e oito horas mensais.

RESSIGNIFICANDO SABERES FEMININOS

Dedicamos esta seção aos resultados alcançados com o projeto, acompanhados por algumas reflexões e aprendizagens. Eles estão organizados em três blocos: (i) resultados alcançados pelas participantes; (ii) resultados alcançados pelas monitoras; e, (iii) resultados alcançados pela proponente e uma entre os autores deste artigo.

Dentre os resultados e impactos alcançados com este projeto de extensão pelas participantes da comunidade Laranjeira estão: empoderamento feminino negro; ampliação dos direitos sociais previstos na Constituição Federal nos municípios de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Maranhão e ampliação do acesso à educação de segmentos da sociedade não atingidos pelas políticas públicas educacionais. Esses resultados materializaram-se por meio das seguintes ações: duas estudantes do Nível I – Introdução a Língua Portuguesa e Matemática (Primeiro Segmento EJA), puderam trocar seus documentos oficiais, assinando seu próprio nome; duas estudantes do Nível II – Intermediário em Língua Portuguesa e Matemática (Segundo Segmento EJA) inscreveram-se no Enem; as participantes receberam certificação do projeto como dispositivo de elevação da autoestima e incentivo à continuação dos estudos. A maioria esteve presente no dia do lançamento do documentário. Destacamos do ponto de vista pedagógico, sobretudo, o desenvolvimento das escritas das estudantes (Figura 1):

Figura 1. Desenvolvimento da escrita da estudante Safira



Fonte: Acervo dos autores, 2021.

Legenda: A) Palavras com letra de forma: Farinhada, fada, dado, dedo, fera, furo, rede, duro, fofa, roda, fora; Palavras com letra cursiva: fada, dado, dado, fera, duro, fofa, rede, roda, furo; B) Safira: aumenta sabedoria, dá paz de espírito, atrai prosperidade e dádivas, abre os caminhos profissionais, transmuta energias negativas em positivas, estimula a concentração e fortalece nosso lado espiritual.

À esquerda, está a escrita da estudante Safira no dia 07 de abril de 2018. À direita, o texto escrito por essa mesma estudante no dia 28 de abril de 2018. Observamos que, na primeira escrita, ela utiliza a letra de forma e, na segunda, a letra cursiva. Além de utilizar sílabas e palavras soltas, ela expressa-se por meio de texto. Tendo em vista que se trata de uma estudante do Nível I – Introdução a Língua Portuguesa e Matemática (correspondente ao Primeiro Segmento da EJA), observamos a utilização de variadas formas de representação da linguagem e a passagem de uma escrita silábica à alfabética. Isso revela que “Os saberes necessários para usar a escrita são, de fato, muitos e diversificados” (Kleiman, 2008, p. 491).

No dia 28 de abril, Safira redige um texto sobre o significado da pedra preciosa que escolheu para representá-la, como pseudônimo. Essa foi uma estratégia utilizada para elevação da autoestima das estudantes, uma vez que a única forma de representação de si mesma até esse momento era como a mulher dedicada ao trabalho. A lida diária com as atividades campesinas e domésticas resultou em muitas dificuldades de expressão e interação. Sabíamos que esse seria um desafio a ser enfrentado com empatia e generosidade.

Um dos resultados mais significativos para a comunidade Laranjeira foi a instalação de turma permanente de EJA na Escola Digna Gonçalves Dias.

Percebemos com isso que a elevação dos índices educacionais do município e a superação das desigualdades sociais no campo são compromissos que devem ser assumidos pela extensão universitária (Santos; Rocha; Passaglio, 2016), especialmente porque, à semelhança de muitos municípios maranhenses, Aldeias Altas não possui *campus* universitário.

Os estudantes de pedagogia da UFMA/*Campus* Codó possuem em seu currículo, um núcleo de aprofundamento em Educação de Jovens, Adultos e Idosos bem como disciplinas pedagógicas e estágio de formação docente para esta modalidade. Assim sendo, ao participarem deste projeto, as estudantes, na condição de monitoras, tiveram a oportunidade de articular seus conhecimentos à prática em um contexto real.

Assim, dentre os resultados obtidos para a formação profissional das estudantes que atuaram como monitoras do projeto, temos: promoção de formação transdisciplinar; as três monitoras produziram seus Trabalhos de Conclusão de Curso sobre o projeto, defendidos em junho de 2019; aproveitamento de 50% do projeto de extensão na carga horária do estágio em EJA II, requisito para integralização do Curso de Pedagogia; comprovação das aprendizagens das monitoras, demonstradas em seus relatórios descrevendo suas experiências.

Um dos momentos marcantes foi o dia em que parte da turma do 7º período do Curso de Pedagogia da UFMA/*Campus* Codó (da qual as monitoras faziam parte) visitou a comunidade para desenvolver ações educativas, como parte das atividades da disciplina "Práticas Interdisciplinares em EJA", ministrada pela professora proponente do projeto. Este foi um momento muito especial de confluência de aprendizagens e socialização de conhecimentos entre os estudantes do curso.

Além disso, ao longo de 2018, as monitoras do projeto tiveram a oportunidade de participar de vários eventos utilizando os dados coletados no projeto. Segue a relação dos eventos, datas, títulos dos trabalhos e locais de realização: no 1º Fórum de Extensão Mais IDH – A Extensão como ferramenta de transformação social, ocorrido de 27 e 28 de agosto de 2018, o trabalho intitulado *EJA/ Mulher: a ressignificação dos saberes femininos* foi apresentado na cidade de São Luís/MA; no XVII Congresso de História da Educação do Ceará, ocorrido de 20 a 23 de setembro de 2018, o trabalho intitulado *Hoje é dia de Quilombo!* foi apresentado na cidade de Sobral/CE; durante o II Encontro Maranhense sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero no Cotidiano Escolar no Continente & II Simpósio Maranhense de Pesquisadoras (es) sobre Mulheres, Relações de Gênero e Educação no Continente, ocorrido de 17 a 19 de outubro de 2018, dois trabalhos foram apresentados em Codó/MA, são eles: *As Vozes-Mulheres de Laranjeira e EJA/ Mulher: trabalho e construção de saberes no quilombo*; durante o IV Colóquio de Ciências Sociais do CESC UEMA, ocorrido de 19 a 21 de novembro de 2018 na cidade de Caxias/MA, três trabalhos foram apresentados, são eles: *Pedagogia Diferenciada: A diferenciação como fator de inclusão*; *EJA/ Mulher: o empoderamento e liderança da mulher negra no quilombo*; e, *Mulheres na política x mulheres quilombolas: uma discussão acerca da representatividade*

feminina.

Destacamos como mais significativo em relação aos resultados obtidos pelas monitoras, a aprovação de uma delas no Programa de Pós-graduação de Educação (mestrado) da UFMA com a mesma temática, participantes e *lôcus* do projeto de extensão.

A socialização de conhecimentos adquiridos pelas monitoras em congressos, eventos e similares com publicações e trabalhos acadêmicos contribuiu para a ressignificação dos saberes acadêmicos acerca da docência, do processo ensino-aprendizagem e da EJA em comunidades quilombolas. Entendemos a necessidade de outras epistemologias pelas quais saberes locais, plurais, alternativos e interdisciplinares tenham voz, visibilidade e sejam referendados constantemente em suas comunidades de origem. Assim, entender os processos educativos porque passam e/ou passaram as participantes do projeto, estudantes e monitoras, na comunidade Laranjeira é essencial para descobrir outras possibilidades de pensar a vida e de (re)existir (Arroyo, 2011; 2004; Arruti, 2017).

A experiência com o projeto despertou a necessidade de enftretamento, resistência e empoderamento constantes e a consciência de docente-formadora-pesquisadora em devir. Como alfabetizadora de pessoas adultas, proporcionou um olhar sensível para os saberes de mulheres quilombolas Quebradeiras de coco babaçu. A aprovação na seleção ao Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGCEM) na Rede Amazônica de Educação em Ensino de Ciências e Matemática (REAMEC) com o projeto de tese "Quebradeiras de coco babaçu: saberes e fazeres de mulheres quilombolas" é um desdobramento intencional do projeto aqui relatado.

Além disso, a parceria com a Secretaria de Aldeias Altas foi consolidada, pela qual existe o interesse de continuidade do projeto de extensão e oferta de cursos de formação para professores da rede municipal. A elaboração da cartilha "Alfabetizar contando história de mulheres", que se baseou nas temáticas abordadas nas aulas e possui algumas atividades realizadas durante a execução do projeto; a institucionalização do projeto no âmbito da Pró-Reitoria de Extensão da UFMA; e, a produção do documentário "EJAI Mulher: a ressignificação dos saberes femininos" produzidos durante o último mês de execução constituem os produtos desenvolvidos, pelos quais podemos entender que as atividades desenvolvidas ao longo da execução do projeto constituíram "[...] um espaço estratégico para se promover práticas interdisciplinares e aproximar diferentes sujeitos, potencializando o conhecimento e desenvolvendo o compromisso com o social" (Santos; Rocha; Passaglio, 2016, p. 27).

PONDERAÇÕES IN(CONCLUSIVAS)

Acreditamos que os processos de ensino-aprendizagem integradores e mais participativos possibilitam a articulação de princípios de transdiscipli-

naridade e contextualização na Educação Básica, no Ensino Fundamental, na EJA e na Educação Escolar Quilombola. Isso é o que nos move a contar essa experiência, pois entendemos que a alfabetização, nesse espaço, precisa ser entendida como processo aberto, de diálogo e, principalmente, de escuta das vozes dos participantes.

Passamos a pensar as atividades de alfabetização como um processo em construção, em que os estudantes não sejam nem passivos nem objeto, mas co-partícipes de uma alfabetização que seja “ao mesmo tempo um ato de criação, capaz de gerar outros atos criadores” (Freire, 2001, p.47). Das práticas relatadas, do que vivenciamos e do que sentimos, consideramos isso como o mais significativo. É o que fez mudar nossas concepções de docência, do processo ensino-aprendizagem e a forma como vemos o outro e nos relacionamos com ele, que repercutem no tipo de encontro que promovemos entre nós e o conhecimento. É o que propõe novas ideias e caminhos para um processo de alfabetização que projete saberes para fora das invisibilidades do colonialismo, do isolamento, da impotência, que faça ouvir, que rasgue o silêncio imposto pela racionalidade científica eurocêntrica e, que por isso, seja “um ato político, jamais como um que fazer neutro” (Freire, 2001, p. 58). O ato das estudantes de trocarem seus documentos oficiais substituindo as marcas de suas respectivas digitais pelas grafias de seus nomes precisa ser visto como uma expressão de potência, de domínio de novos conhecimentos para suas vidas, e consequentemente para fazer as leituras do mundo expresso nos textos.

Embora, ao final do projeto, tenhamos a consciência de que ao conseguirmos alcançar nossos objetivos, estamos apenas no início de uma longa jornada, gostaríamos que ele tivesse continuidade. As aprendizagens foram amplas e profundas.

Agradecemos imensamente, a todos os parceiros: UFMA/Campus Codó, Secretaria de Educação de Aldeias Altas, FAPEMA, professores coordenadores, monitoras, motorista e, de forma especial a todas as mulheres da Comunidade Laranjeira que nos acolheram e nos ensinaram a ter esperança!

FINANCIAMENTO

O projeto de extensão EJA1 Mulher: a ressignificação dos saberes femininos foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão, por meio do Edital Fapema n° 025/2017 – COMUNI, inscrito sob o Processo COMUNI-05192/17, cujo termo de outorga data de 28 de novembro de 2017.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não houve conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

Amorim, E. S. (2009). *Trajetória educacional de mulheres em assentamentos de Reforma Agrária na região Tocantina* – MA. São Luís: EDUFMA.

Arroyo, M. (2011). Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: Soares, L. Giovanetti, M. A. & Gomes, N. L. *Diálogos na Educação de Jovens e adultos*. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Arruti, J. M. (2017). Conceitos, normas e números: uma introdução à Educação Escolar Quilombola. *Revista Contemporânea de Educação*, 12(23), abr, 107-142. Disponível em: <https://revistas.ufjr.br/index.php/rce/article/view/3454>.

Assunção, M. R. (1996). Quilombos Maranhenses. Reis, João José. Gomes, F. S. (orgs). *Liberdade por um Fio*. São Paulo: Companhia das Letras.

Caldart, R. S. (2009). Educação do campo: Notas para uma análise de percurso. *Trab. Educ. Saúde*. Rio de Janeiro, 7(1) mar./jun. p. 35-64. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/tes/v7n1/03.pdf>.

Ferreira, S. R. B. (2012). Verbete Quilombolas. Caldart, R. S. Pereira, I. B. Alentejano, P. & Frigotto, G. (Orgs.). *Dicionário da Educação do Campo*. (2) Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2012/08/CALDART-Dicion%C3%A1rio-Campo-2012.pdf>.

Freire, P. (2001). *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro.

Kleiman, A. B. (2008). Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, 8(3), set./dez. 487-517. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/KqMWJvwLDpVwgmVjPpFv4bk/?lang=pt&format=pdf>.

Manzke, J. F. (2009). *Propuesta curricular para la educación de jóvenes y adultos campesinos en asentamientos de la reforma agraria*. São Luís/MA: EDUFMA.

Motta, D. G. (2008). Mulheres professoras maranhenses: memória de um silêncio. *Educação & Linguagem*, 11(18), jul./dez. 123-135. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/110>.

Perrot, M. (2005). *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC.

Priore, M. D. (Org.). (1997). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Saffioti, H. (2013). *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes.

Santos, J. H. S. Rocha, B. F. & Passaglio, K. T. (2016). Extensão Universitária e Formação no Ensino Superior. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*. 7(1). jan. – jun. 23-28. Disponível em: <https://periodicos.uuffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087>.

Data de submissão: 27/01/2021

Data de aceite: 29/08/2021